



Resenha

REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA

João Marcelo de Souza Melo Rodrigues¹

Universidade La Salle/RS

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Chimamanda Ngozi Adichie (1977-), é uma escritora e feminista nascida em Enugu, Nigéria. Após um ano e meio estudando medicina e farmácia em Nsukka, mudou-se para os Estados Unidos aos 19 anos. Formou-se *summa cum laude* em Comunicação e Ciência Política pela Eastern Connecticut State University; obteve mestrados em Escrita Criativa pela Universidade Johns Hopkins e em História Africana pela Universidade de Yale. Recebeu o título de doutora *honoris causa* em diversas instituições, como Duke University, Yale University, Universidade da Pensilvânia e Universidade de Joanesburgo.

Adichie é uma autora reconhecida internacionalmente. Suas obras foram traduzidas para mais de trinta idiomas, algumas delas são: *Hibisco roxo* (2003), *Meio Sol Amarelo* (2006), *A coisa à volta do teu pescoço* (2009), *Americanah* (2013), *Sejamos Todos Feministas* (2014), *O perigo de uma história única* (2019) e *Notas sobre o luto* (2021). Um dos seus romances literários, *Americanah*, ganhou o *US National Book Critics Circle Award* e foi eleito um dos dez melhores livros de 2013 do *New York Times*. Foi eleita uma das cem pessoas mais

¹ Graduando e formando em Direito (2026/1) pela Universidade La Salle/RS. Bolsista de iniciação científica FAPERGS (2023-2026). Membro do Núcleo de Pesquisa Antirracismo da UFRGS (desde 2023). Email: contato.joaomarcelorodrigues@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2364-096X>



influentes do mundo pela revista TIME em 2015 e é integrante da Academia Americana de Artes e Letras e da Academia Americana de Artes e Ciências.

Além das suas relevantes literaturas, Chimamanda Ngozi Adichie participou em duas oportunidades do *TED Talks*², são elas: O perigo de uma história única³ (2009) e Todos nós deveríamos ser feministas⁴ (2013), as quais, juntas, atingiram mais de vinte milhões de visualizações. Tamanha relevância que as palestras foram adaptadas para livro. Logo, o intuito desta resenha é a apresentação da obra literária *O perigo de uma*, lançada no ano de 2019.

O livro apresenta reflexões sobre a influência das histórias na nossa formação de visão de mundo; analisa os perigos de uma representação única, como criamos imagens estereotipadas e marginalizadas sobre determinados povos, sobretudo os povos do continente africano. A autora faz menção a construção de um imaginário social que contempla, muitas vezes, um padrão branco e eurocêntrico. Adichie, aborda “o perigo de uma história única” com uma perspectiva autobiográfica, a partir das suas próprias experiências de infância e vida adulta.

Pode-se considerar a palestra de Adichie e a subsequente adaptação para livro como forma de escrevivência (Evaristo, 2020). Segundo Evaristo (2020), a escrevivência é a prática de expressarmos vivências através da escrita, assim, escrever é “a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo” (Evaristo, 2020, p. 175).

² Uma série de conferências realizadas na Europa, Américas e Estados Unidos, as palestras têm como foco promover ideias inovadoras, pensamentos e conexões de inúmeras personalidades. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@TED/featured>>. Acesso em 11 mar. 2024.

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg&t=194s>>. Acesso em 11 mar. 2024.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc>. Acesso em 11 mar. 2024.



A narrativa inicia com Adichie relembando sua infância na Nigéria. Relata sua inserção precoce à leitura e à escrita, enfatiza que, mesmo vivendo em um ambiente completamente diverso, iniciou escrevendo histórias baseadas em livros estrangeiros, sobretudo os britânicos e americanos. A autora destaca: “todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído” (Adichie, 2019, p. 12).

Observamos que a autora, desde a sua infância, enfrentou a problemática da carência de personagens literários que pudessem dialogar com a sua realidade, refletindo, assim, em uma falta de representação adequada da sua identidade, provocando o não pertencimento no ambiente literário, acreditando que esse era o padrão aceitável para a literatura. Como bem pontua:

O que isso demonstra, acho, é quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história, particularmente durante a infância. Como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua própria natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar (Adichie, 2019, p.13)

A partir desse contexto, ainda que de maneira intrínseca, Adichie instiga a reflexão sobre o epistemicídio⁵ e sua consequência na subalternização e estereotipização de determinados grupos sociais. Além disso, a autora destaca a importância de descobrir autores que pudessem dialogar com sua própria realidade, desempenhando um papel fundamental no seu reconhecimento no âmbito literário. A descoberta da literatura africana ampliou a perspectiva de Adichie sobre o significado dos livros, salvando-a de uma história única sobre o significado dos livros. Vejamos:

⁵ Conforme Carneiro (2005) o epistemicídio é um mecanismo constante de dominação étnico-racial. De acordo com a autora, é um processo que desqualifica, inferioriza e deslegitima o conhecimento produzido por povos contra-hegemônicos, sobretudo a população africana e afrodiaspórica. Importante ver: CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de doutorado em educação. Universidade de São Paulo, 2005.



Mas tudo mudou quando descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de ser encontrados quanto os estrangeiros, mas, por causa de escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, minha percepção da literatura passou por uma mudança. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei, então, a escrever sobre coisas que eu reconhecia [...] O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros. (Adichie, 2019, p. 13)

Na sequência, a autora compartilha sua trajetória pessoal, destacando seu contexto familiar e sua origem, sobretudo durante a infância, período em que ela testemunhou uma visão estereotipada da família pobre do seu empregado doméstico, chamado Fide. Por conta da situação econômica desfavorecida, Adichie subjugou toda a trajetória de Fide, deixando de considerar que, apesar das dificuldades financeiras, Fide e sua família eram ricos em talentos artísticos. A autora reflete sobre esse período, afirmando: “Eu só tinha ouvido falar sobre como eram pobres, então ficou impossível para mim vê-los como qualquer coisa além de pobres. A pobreza era minha história única deles” (Adichie, 2019, p.14). A autora utiliza essa experiência pessoal para ilustrar como as histórias únicas podem criar estereótipos sobre pessoas e culturas.

A reflexão continua com os exemplos pessoais de estereótipos enfrentados pela autora quando chegou aos Estados Unidos, destacando como as histórias únicas e marginalizadas sobre a África impactaram suas interações e a percepção que os outros tinham dela e dos povos africanos. Expõe como as percepções ocidentais moldaram uma visão empobrecida e desvalorizada do continente africano.

No relato da autora, ela descreveu certas reações de algumas pessoas que conheceu nos Estados Unidos, como o da sua colega de quarto que classificou as músicas africanas como “tribais” e ficou surpresa diante da fluência em inglês da autora, língua oficial da Nigéria, seu país de origem e



também de um dos seus professores estadunidenses, que questionava a “autenticidade africana” da autora e seus escritos. A autora também analisa o papel do poder na criação e perpetuação das histórias únicas, explora como os relatos de viagens colonialistas contribuíram para essa construção de representação única. Logo, crítica a tradição ocidental de contar histórias sobre a África e, para evidenciar isso, traz citações do mercador John Locke, que se referia aos africanos como “animais que não tem casa” e “povo sem cabeça, com a boca e os olhos no peito”. Aqui, restando perceptível a ideia de animalização da subjetividade das populações africanas, construção promovida pela tradição colonial-ocidental-europeia, qual, de certa forma, é criticada pela autora.

Adiante, é de suma importância ressaltar que Chimamanda Ngozi Adichie assume sua culpa na questão da história única. Ela relata sua visão singular sobre os mexicanos: “Percebi que tinha estado tão mergulhada na cobertura da mídia sobre os mexicanos que eles haviam se tornado uma só coisa na minha mente: o imigrante abjeto” (Adichie, 2019, p. 22). Assim, a autora descreveu que, erroneamente, tinha acreditado na história única dos mexicanos e ficou envergonhada com isso. Logo, afirmou que: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (*Id.*).

Além disso, Adichie discute o conceito supracitado de “história única” em relação ao poder e à narrativa. Introduz o conceito de “Nkali”, palavra em igbo, que significa “ser maior do que outro”. Argumenta que assim como o poder influencia a economia e a política, também influencia a forma como as histórias são contadas e transmitidas. A autora ilustra isso com exemplos subjetivos e ressalta a importância de reconhecermos a multiplicidade de histórias que moldam a identidade de uma pessoa e/ou lugar.



Por fim, evidencia que as histórias únicas foram utilizadas historicamente para prejudicar e criar estereótipos, tornando ínfima a dignidade de determinadas pessoas, todavia, também destaca que as histórias podem reparar essa dignidade:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32)

Portanto, entendemos que a obra supracitada aborda de forma objetiva e fluida como as narrativas e histórias moldam nossa visão de mundo sobre pessoas, culturas e lugares. Adichie compartilha suas experiências para enfatizar os perigos de uma representação estereotipada, especialmente em relação aos povos africanos, destacando *insights* sobre como a relação de poder e os discursos hegemônicos, muitas vezes, distorcem a realidade.

Num contexto em que parcela da sociedade brasileira (o maior país em afrodiáspora) ainda nega a diversidade histórica, cultural e epistemológica, torna-se fundamental rompermos essa concepção. Para tanto, alguns mecanismos são indispensáveis, como: o reconhecimento da pluralidade cultural, a democratização epistemológica e a promoção do diálogo contínuo e da escuta sensível. Para esse propósito, “O perigo de uma história única” de Chimamanda Ngozi Adichie ostenta ser uma leitura imprescindível.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. *Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história*. 2009. Publicado pelo TED. Disponível em: <<https://youtu.be/D9lhs241zeg?si=VRvaSy5GJO6Mojq4>>. Acesso em: 12 de março 2024.



_____. *Todos nós deveríamos ser feministas* | Chimamanda Ngozi Adichie | *TEDxEuston*. 2013. Publicado pelo TED. Disponível em: https://youtu.be/hg3umXU_qWc?si=0moG192HkyM3Nka0. Acesso em: 12 de março 2024.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de doutorado em educação. Universidade de São Paulo, 2005.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, v. 1, p. 26-46, 2020.

Recebido em: 15/03/2024

Aprovado em: 28/05/2026